

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Silent Patient*

Autor: *Alex Michaelides*

Copyright © Alex Michaelides 2019

Todos os direitos reservados

Edição portuguesa publicada por acordo com Rogers Coleridge and White Ltd.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Marta Mendonça*

Revisão: *Vanessa Domingos/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, maio, 2019

Depósito legal n.º 457 578/19

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRÓLOGO

Diário de Alicia Berenson

14 DE JULHO

Não sei por que razão estou a escrever isto.

Não é bem verdade. Talvez saiba e apenas não o queira admitir a mim própria.

Nem sequer sei o que lhe chamar — esta coisa que estou a escrever. Parece-me algo pretensioso chamar-lhe «diário». Não é como se eu tivesse alguma coisa para dizer. A Anne Frank, sim, escreveu um diário — não uma pessoa como eu. Chamar-lhe «registo» soa demasiado académico, por alguma razão. Como se fosse obrigada a escrever nele todos os dias e eu não quero isso — se se tornar uma obrigação, jamais conseguirei mantê-lo.

Talvez não lhe chame nada. Uma coisa sem nome onde às vezes escrevo. Soa-me muito melhor. Assim que damos um nome a uma coisa, deixamos de a ver como um todo, ou por que razão é importante. Concentramo-nos na palavra que, na verdade, é apenas uma parte ínfima, a ponta de um icebergue. Nunca me senti particularmente à vontade com palavras — penso sempre sob a forma de imagens, exprimo-me através de imagens —, como tal, jamais teria começado a escrever isto se não fosse o Gabriel.

Ultimamente, tenho-me sentido deprimida no que diz respeito a algumas coisas. Pensava que estava a conseguir disfarçá-lo, mas ele reparou — é claro que sim, ele repara em tudo. Perguntou-me como estava a correr a pintura — respondi-lhe que não estava.

Foi-me buscar um copo de vinho e sentei-me à mesa da cozinha enquanto ele cozinhava.

Gosto de ver o Gabriel de um lado para o outro na cozinha. É um cozinheiro gracioso — elegante, balético, organizado. Ao contrário de mim. Eu deixo tudo num caos.

— Fala comigo — disse-me ele.

— Não há nada para dizer. Às vezes fico presa na minha própria cabeça, é só isso. Sinto-me como se estivesse a tentar atravessar um lamaçal.

— Porque é que não experimentas pôr as coisas por escrito? Fazer uma espécie de registo. Talvez te ajude.

— Sim, talvez. Vou experimentar.

— Não digas que vais experimentar, querida. Fá-lo.

— Fá-lo-ei.

Ele continuou a insistir comigo, mas eu não fiz nada. E uns dias mais tarde ofereceu-me este pequeno livro para escrever. Tem uma capa de couro preta e umas folhas grossas em branco. Passei o dedo na primeira página, sentindo a sua suavidade — depois afiei o lápis e comecei.

Ele tinha razão, claro. Já me sinto melhor e tudo — assentar tudo isto no papel proporciona-me uma espécie de libertação, um escape, um espaço para me expressar. É um pouco como a terapia, parece-me.

O Gabriel não o disse, mas sei que está preocupado comigo. E, para ser sincera — e mais vale sê-lo —, o verdadeiro motivo por que aceitei manter este diário foi para o tranquilizar — para provar que estou bem. Não suporto a ideia de ele estar preocupado comigo. Não quero causar-lhe qualquer sofrimento ou fazê-lo infeliz ou causar-lhe mágoa. Amo tanto o Gabriel. Ele é, sem sombra de dúvida, o amor da minha vida. Amo-o tão absoluta e completamente que isso às vezes ameaça dominar-me. Às vezes penso que...

Não, não vou escrever sobre isso.

Isto vai ser um registo alegre de ideias e imagens que me inspiram artisticamente, coisas que provocam um impacto criativo em mim. Só vou escrever pensamentos normais, positivos e felizes.

Não serão permitidos pensamentos loucos.

PARTE UM

«Aquele que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir que se convença de que nenhum mortal consegue guardar um segredo.

Podem os lábios permanecer calados, mas ele falará com as pontas dos dedos; essa denúncia emana-lhe de todos os poros.»

SIGMUND FREUD, *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*

1

A Alicia Berenson tinha trinta e três anos quando matou o marido.

Estavam casados há sete anos. Eram ambos artistas — a Alicia era pintora e o Gabriel era um conhecido fotógrafo de moda. Tinha um estilo muito próprio, fotografando mulheres seminuas e semiesfomeadas em ângulos estranhos e pouco lisonjeadores. Desde a sua morte, o preço das fotografias dele aumentou astronomicamente. Considero o trabalho dele algo polido e superficial, para ser sincero. Não possui a qualidade visceral dos melhores trabalhos da Alicia. Não percebo o suficiente sobre arte para dizer se a Alicia Berenson resistirá ao teste do tempo enquanto pintora. O talento dela será sempre obscurecido pela sua notoriedade, portanto é difícil ser objetivo nesse sentido. Além de que o mais certo será acusarem-me de ser tendencioso. Apenas posso oferecer a minha opinião, que vale o que vale. E para mim, a Alicia era uma espécie de génio. Além da competência técnica, as pinturas dela possuem uma capacidade incrível de captar a nossa atenção — quase como se nos agarrassem pelo pescoço — e de a manter absolutamente fixa.

O Gabriel Berenson foi assassinado há seis anos. Tinha quarenta e quatro anos. Foi assassinado no dia 25 de agosto — foi um verão invulgarmente quente, se bem se recordam, com algumas das temperaturas mais altas alguma vez registadas. O dia em que ele morreu foi o mais quente do ano.

No seu último dia de vida, o Gabriel levantou-se cedo. Um carro foi buscá-lo às 5h15, à casa que partilhava com a Alicia no noroeste londrino, numa das extremidades de Hampstead Heath, e levou-o para uma sessão fotográfica em Shoreditch. Passou o dia a fotografar modelos num telhado, para a *Vogue*.

Não se sabe muita coisa relativamente aos movimentos da Alicia nesse dia. Tinha uma exposição para breve e estava atrasada com o trabalho. O mais certo é ter passado o dia em casa a pintar, na casinha de verão ao fundo do jardim que ela convertera recentemente num estúdio. A sessão fotográfica do Gabriel durou até tarde, pelo que só foi conduzido a casa por volta das 23h00.

Meia hora depois, a vizinha deles, Barbie Hellmann, ouviu vários tiros. A Barbie ligou para a polícia e um carro-patrolha foi enviado da esquadra de Haverstock Hill às 23h35. Chegou à casa dos Berenson em menos de três minutos.

A porta da frente encontrava-se aberta. A casa estava completamente às escuras; nenhum dos interruptores de luz estava a funcionar. Os agentes atravessaram o corredor e entraram na sala de estar. Apontaram as suas lanternas em torno da sala, iluminando-a com intermitentes feixes de luz. A Alicia foi encontrada de pé junto à lareira. O vestido branco dela brilhou fantasmagoricamente sob a luz da lanterna. A Alicia não parecia consciente da presença da polícia. Estava completamente imóvel, paralisada — uma estátua esculpida em gelo —, com uma estranha expressão assustada estampada no rosto, como se estivesse a confrontar um terror invisível.

Havia uma arma no chão. Ao lado dela, na escuridão, o Gabriel estava sentado completamente imóvel, amarrado a uma cadeira com arame a prender-lhe os tornozelos e os pulsos. A princípio, os agentes pensavam que estava vivo. Tinha a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, como se estivesse inconsciente. Então um feixe de luz revelou que o Gabriel fora alvejado várias vezes no rosto. As feições atraentes dele tinham desaparecido para sempre e tudo o que restava era um caos ensanguentado, negro e chamuscado. A parede atrás dele estava salpicada com fragmentos de crânio, cérebro, cabelo — e sangue.

Havia sangue em toda a parte — espalhado nas paredes, escorrendo em fios escuros ao longo do chão, seguindo a textura do soalho de madeira. Os agentes partiram do pressuposto de que se tratava do sangue do Gabriel. Mas era demasiado. E depois algo cintilou sob a luz da lanterna — havia uma faca no chão, junto aos pés da Alicia. Outro feixe de luz deixou ver o sangue espalhado no vestido branco da Alicia. Um agente agarrou-lhe os braços e levantou-os à luz. Viam-se golpes profundos sobre as veias dos pulsos dela — cortes recentes, sangrando abundantemente.

A Alicia ofereceu resistência às tentativas para salvar a sua vida; foram precisos três agentes da polícia para a dominarem. Foi levada para o Royal Free Hospital, a escassos minutos de distância. Pelo caminho teve um colapso e perdeu os sentidos. Tinha perdido imenso sangue, mas sobreviveu.

No dia seguinte, encontrava-se deitada numa cama num quarto particular no hospital. A polícia interrogou-a na presença do seu advogado. A Alicia permaneceu em silêncio durante todo o interrogatório. Os lábios dela estavam pálidos, sem pinga de sangue; tremiam ocasionalmente, mas não formavam quaisquer palavras, não faziam quaisquer sons. Ela não respondeu a uma única pergunta. Não conseguia, não queria falar. E também não falou quando foi acusada do homicídio do Gabriel. Permaneceu em silêncio quando foi detida, recusando-se a negar a sua culpa ou a confessá-la.

A Alicia nunca mais voltou a falar.

O silêncio persistente dela fez com que esta história deixasse de ser uma tragédia doméstica banal e se transformasse em algo maior: um mistério, um enigma que não largaria os cabeçalhos dos jornais e que capturaria a imaginação do público durante meses a fio.

A Alicia permaneceu calada — mas prestou um depoimento. Uma pintura. Foi começada quando teve alta hospitalar e ficou em prisão domiciliária a aguardar julgamento. Segundo a enfermeira psiquiátrica nomeada pelo tribunal, a Alicia mal comia ou dormia — a única coisa que fazia era pintar.

Regra geral, a Alicia trabalhava durante várias semanas, meses até, antes de iniciar uma pintura nova, fazendo inúmeros esboços,

organizando e reorganizando a composição da mesma, experimentando com cor e forma — uma longa gestação seguida de um parto demorado, enquanto cada pincelada era cuidadosamente aplicada. Agora, contudo, alterara todo o seu processo criativo, tendo completado a dita pintura poucos dias após o homicídio do marido.

E, para a maioria das pessoas, isso fora o suficiente para a condenar — regressar ao ateliê tão cedo após a morte do Gabriel revelava uma insensibilidade extraordinária. A monstruosa falta de remorsos de uma assassina a sangue-frio.

Talvez. Mas não esqueçamos de que embora a Alicia Berenson possa ser uma assassina, era também uma artista. Faz todo o sentido — para mim, pelo menos — ela ter pegado nos pincéis e nas tintas e ter expressado as suas emoções complicadas através da tela. Não admira que, pela primeira vez, a criatividade lhe tenha surgido com tanta facilidade; isto se pudermos apelidar a dor de fácil.

A pintura era um autorretrato. Ela deu-lhe um título no canto inferior esquerdo da tela, com caracteres gregos azul-claros.

Uma única palavra:

Alceste.